

O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

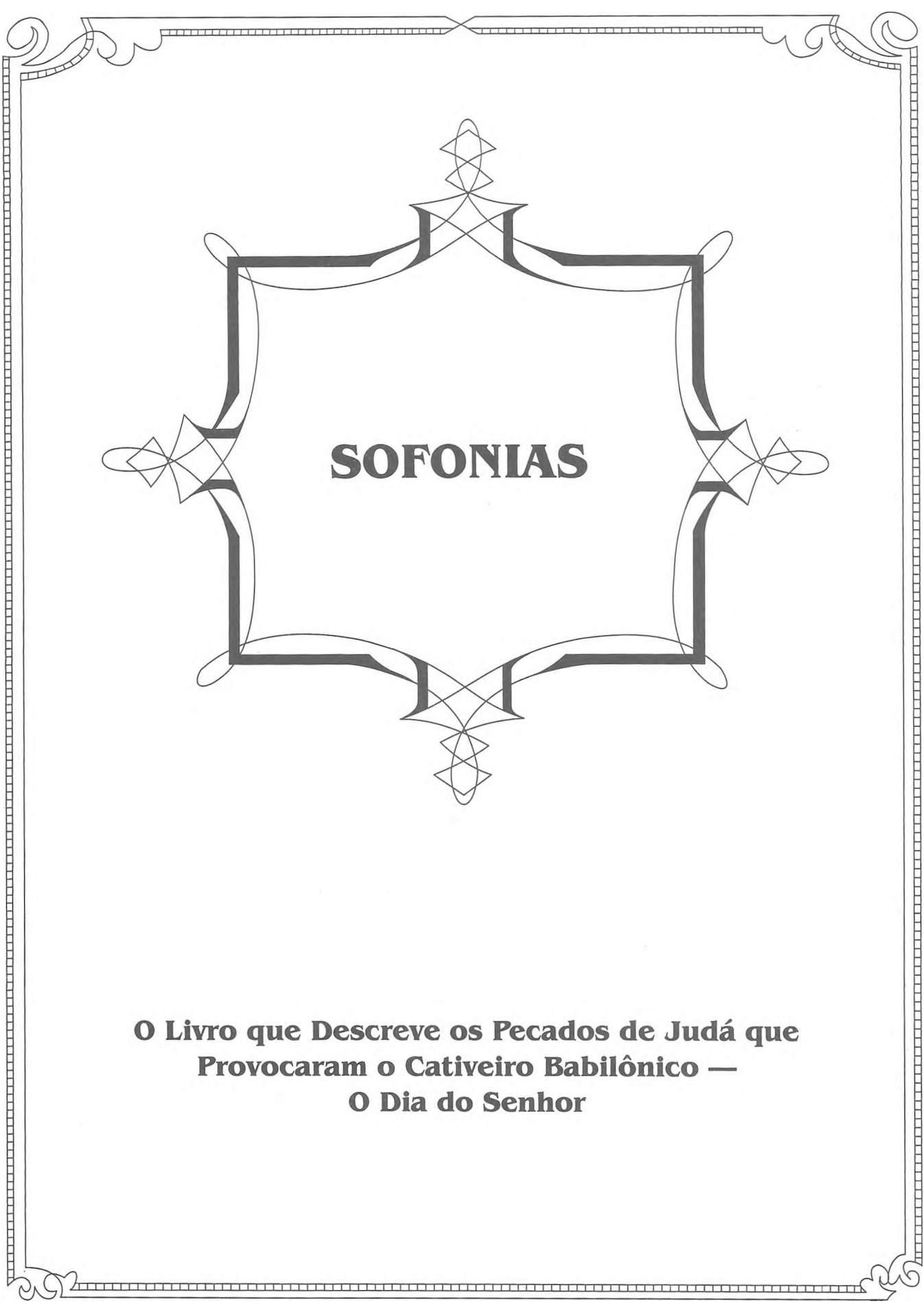
Autor

R. N. Champlin, Ph. D.

SOFONIAS

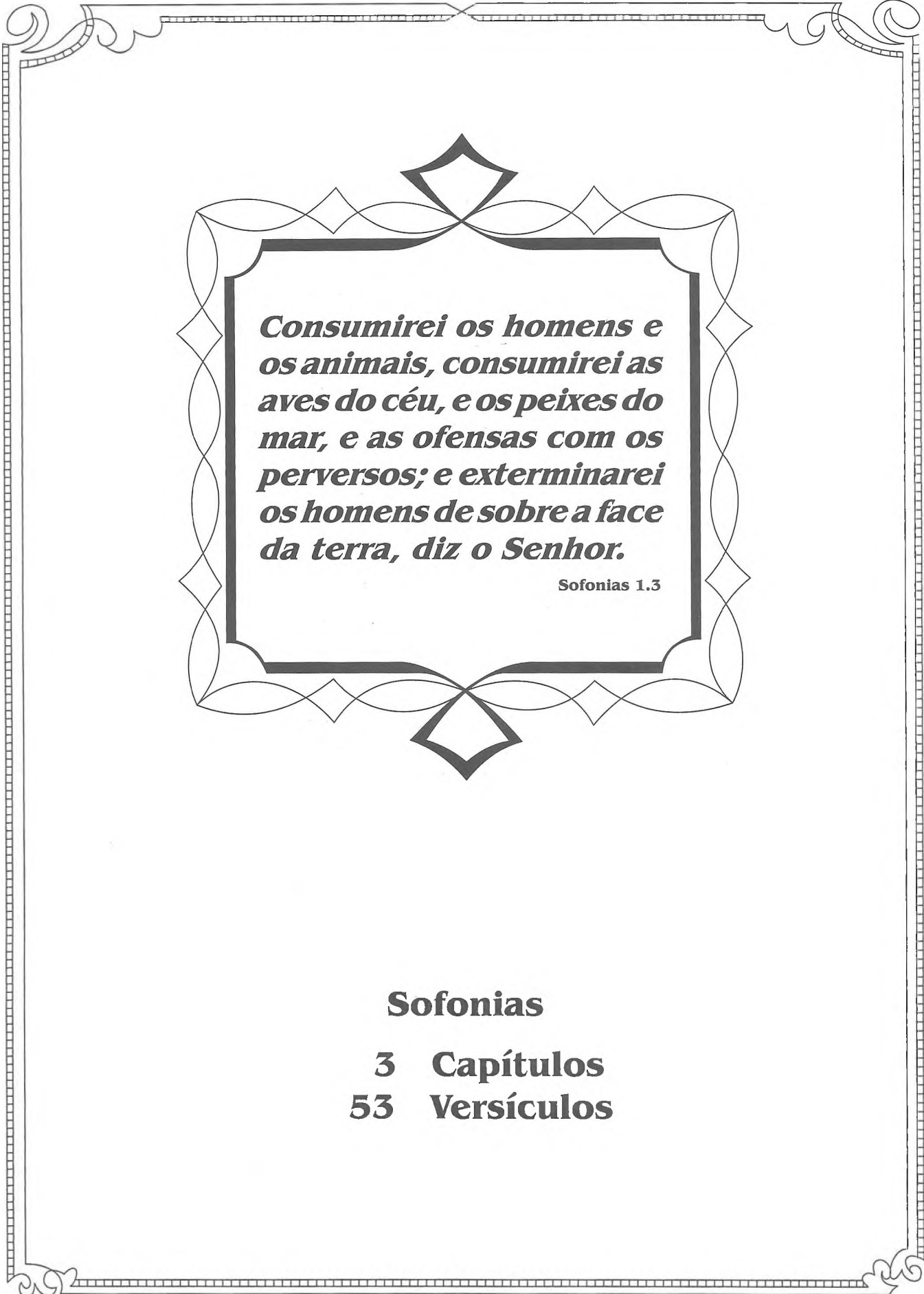


HAGNOS



SOFONIAS

**O Livro que Descreve os Pecados de Judá que
Provocaram o Cativoiro Babilônico —
O Dia do Senhor**



Consumirei os homens e os animais, consumirei as aves do céu, e os peixes do mar, e as ofensas com os perversos; e exterminarei os homens de sobre a face da terra, diz o Senhor.

Sofonias 1.3

Sofonias

3 Capítulos

53 Versículos

INTRODUÇÃO

Obra literária de um profeta que descendia do rei Ezequias. Ele viveu nos dias de Josias, rei de Judá. Em qualquer lista dos doze Profetas Menores, o livro de Sofonias sempre ocupa o nono lugar, sempre antes de Ageu e depois de Habacuque.

Esboço:

- I. Unidade
- II. Data
- III. Pano de Fundo Histórico
- IV. Propósito
- V. Conteúdo
- VI. Bibliografia

I. Unidade

A maioria dos críticos admite que o primeiro capítulo do livro de Sofonias é, realmente, obra do profeta com esse nome; mas quase todos opinam que os capítulos segundo e terceiro do livro contêm ou poemas posteriores ou ampliações proveniente do período pós-exílico, que teriam sido acrescentados aos oráculos autênticos de Sofonias. Quanto aos detalhes, os intérpretes também demonstram pouca concordância entre si. A principal dificuldade, porém, é que a maioria dos estudiosos não acredita em profecias preditivas genuínas, mas apenas em *vaticinium ex eventu* (profecia após o evento ocorrido), além de crer que a teologia esperançosa, na história da religião de Israel, evoluiu somente no período pós-exílico. Mas a primeira dessas opiniões não se coaduna com o testemunho explícito da própria Bíblia, e o segundo desses pressupostos encontra paralelos até mesmo na forma de profecias extrajudaicas do antigo Oriente Próximo, como as do Egito e as que aparecem nas cartas provenientes de Mari, onde há predições que seguem o modelo de ameaças e de promessas. Isso demonstra que esse modelo não foi criação posterior de Israel após o exílio.

II. Data

De acordo com a introdução do próprio livro de Sofonias, esse profeta atuou durante o reinado de Josias (640—609 A. C.). Com base no estado da moral e da religião em sua época (Sof. 1.4 ss., 8, 9, 12 e 3.1, 3-7), pode-se inferir que suas atividades, mais precisamente ainda, ocorreram antes da grande reforma religiosa de 621 A. C. (cf. II Reis 23.4 ss.). Os informes que, de acordo com certos críticos, indicariam uma data um tanto posterior para o livro, podem ser devidamente explicados como segue: a. os filhos do rei mencionados em Sof. 1.8, adeptos a costumes estrangeiros, não podem ter sido os filhos do rei Josias, porquanto Josias era jovem demais para isso. Antes, devemos pensar em seus irmãos ou parentes próximos. b. A alusão àqueles que continuavam servindo aos ídolos, no versículo seguinte, designa quão completa seria a destruição deles — Yahweh haveria de varrer de Israel todo e qualquer vestígio da adoração a Baal.

Os críticos também postularam uma data posterior para o livro de Sofonias porque vinculam a predição de Sofonias sobre o grande Dia de Yahweh (ver desde Sof. 1.1) com as invasões dos povos citas, que atacaram a Assíria em 632 A.C. Porém, é evidente que uma invasão que teve consequências relativamente pequenas não pode ser equiparada ao que as Escrituras em geral, e o próprio livro de Sofonias, em particular, dizem sobre o Dia do Senhor. A opinião desses críticos é simplesmente ridícula. Portanto, se aceitarmos o testemunho do próprio Sofonias, concluiremos que ele pregou nos dias do reinado de Josias. Muitos eruditos conservadores pensam que Sofonias estava encerrando a sua carreira profética quando Jeremias começava a sua. Jeremias foi chamado como profeta no décimo terceiro ano do reinado de Josias. Ver Jer. 1.2.

Cabe aqui perguntar: Por que os críticos sempre acham que os livros da Bíblia foram escritos depois das datas às quais eles se ajustam, de acordo com os próprios informes encontrados nesses

livros? Em que esse adiamento traria vantagem à causa desses críticos? Por que nenhum deles jamais tentou atribuir a algum livro da Bíblia uma data mais antiga do que geralmente se supõe? A resposta é simples. É que eles são impulsionados pela incredulidade, mormente quanto à possibilidade de Deus revelar a seus profetas, de antemão, os acontecimentos futuros. Os críticos sempre querem dar a entender que os livros proféticos são apenas livros históricos. Suas predições fariam referência ao passado e não ao futuro. Quanto mais tarde eles puderem datar esses livros, melhor para as crenças deles. Contra isso levantam-se estudiosos sérios, que crêem no fenômeno da profecia preditiva como autêntica manifestação do Deus vivo. Não precisamos apelar para aquele esquema. Aceitamos o que os livros da Bíblia dizem a seu próprio respeito, sem tentar nenhuma distorção. Para nós, essa atividade seria desonesta. Não estamos querendo comprovar nenhuma teoria. Queremos encontrar a verdade!

III. Pano de Fundo Histórico

As condições religiosas do reino de Judá deterioraram-se de modo marcante após a morte do rei Ezequias. Os judeus cada vez mais se inclinavam para a adoção de costumes assírios, que então exerciam grande influência cultural sobre a Palestina. As práticas religiosas degeneradas, anteriores à grande reforma religiosa de Josias, transparecem, com certos detalhes, no trecho de II Reis 23.4-20.

Os estudiosos muito têm debatido sobre o pano de fundo político do livro de Sofonias. Se Isaías (39.6), Habacuque (1.6) e Jeremias (10.4) especificaram que os babilônios seriam a vara de castigo usada por Yahweh, a qual haveria de destruir temporariamente o reino de Judá, Sofonias somente diz que o próprio Deus aplicaria essa punição, mas sem determinar o instrumento usado para isso. Por causa desse silêncio de Sofonias, dois povos têm sido sugeridos pelos estudiosos como instrumento: os citas ou os babilônios. E, visto que a invasão cita ocorreu em data posterior, é preferida pelos críticos que não acreditam em profecias preditivas. O erro dessa opinião é visto claramente no fato de que Judá nunca foi atingida pelos citas, ao passo que os babilônios levaram a nata da nação judaica para o exílio, em 586 A. C. Isso tanto é testemunho bíblico (ver, por exemplo, II Crô. 36.17 ss.) quanto da própria história. Os citas, por sua vez, somente perturbaram a Ciaxares, rei medo, por ocasião do cerco de Ninive. Depois, marcharam contra o Egito; mas sem atacá-lo, e retornaram a seus lugares de origem, sem jamais terem atingido a Palestina.

IV. Propósito

Sofonias predisse a queda de Judá e de Jerusalém como acontecimentos inevitáveis (Sof. 1.4-13), em face da degeneração religiosa que ali reinava. Todavia, esse julgamento local é visto pelo profeta contra o pano de fundo do quadro maior dos últimos dias, que as Escrituras também chamam de Dia do Senhor (Sof. 1.4-18 e 2.4-15). Por conseguinte, o propósito central do autor sagrado foi, principalmente, despertar os piedosos para que se voltassem de todo o coração ao Senhor, a fim de escaparem da condenação quando do futuro dia do juízo (Sof. 2.1-3), tornando-se parte do remanescente que haverá de desfrutar as bênçãos do reino de Deus (Sof. 3.8-20). Isso significa que o livro não é obsoleto para nós; antes, à medida que se aproximarem os últimos dias, mais e mais o livro terá aplicação e utilidade para nossa meditação e orientação. Todos os livros proféticos (e também em menor grau todos os demais livros bíblicos) têm um aspecto escatológico decisivo, que não podemos desprezar. No seu conjunto, eles formam o quadro que Deus queria dar-nos acerca dos dias finais desta dispensação, que abrirão caminho para uma nova época "áurea", o milênio ou reinado de Jesus Cristo à face da terra!

V. Conteúdo

O esboço do livro de Sofonias é muito simples, quanto a seus detalhes principais, a saber:

- A. Introdução (1.1)
- B. O Juízo Universal (1.2—3.7)
 - 1. Sobre a criação inteira (1.2,3)
 - 2. Sobre Judá (1.4—2.3)
 - 3. Sobre as nações gentílicas (2.4-15)
 - 4. Sobre Jerusalém (3.1-7)
- C. O Estabelecimento do Reino (3.8-20)
 - 1. Destruição da oposição gentílica (3.8)
 - 2. O remanescente purificado (3.9-13)
 - 3. As bênçãos do reino (3.14-20)

Destacaremos alguns pontos, dentro desse esboço:

Quanto ao Juízo Divino sobre a Criação inteira (1.2,3). A destruição antecipada por Sofonias será ainda mais abrangente que os efeitos do dilúvio de Noé — a total destruição é o fim deste cosmo caído no pecado (cf. II Ped. 3.10; Apo. 21.1). Antes disso, o colapso das civilizações em seqüência serve de arauto que anuncia o juízo final sobre o mundo inteiro. Uma das causas do juízo é que os homens, em sua imensa teimosia e rebeldia, arruinaram cada instituição divina. Poderíamos citar o matrimônio (Gên. 2.18-25) e o governo humano (Rom. 13.1-7).

Sobre Judá (1.4—2.3). Esse juízo, que ocorreu em 586 A. C., foi o primeiro rebate acerca do juízo final. O rigor divino contra Judá corresponde aos privilégios maiores dessa nação (Deu. 4.7, 8, 32 ss.; Rom. 9.4,5).

Sobre as Nações Gentílicas (2.4-15). Nenhuma nação do mundo escapará ao juízo divino. Este será verdadeiramente universal. Isso é destacado pelo fato de que o profeta se refere às nações gentílicas a oeste, a leste, ao norte e ao sul do território de Judá.

O Estabelecimento do reino (3.8-20). O trecho começa falando sobre o fim de toda uma civilização, de toda uma era, ou, usando a linguagem teológica, de toda uma dispensação: “a minha resolução é ajuntar as nações e congregar os reinos, para sobre eles fazer cair a minha maldição e todo o furor da minha ira; pois toda esta terra será devorada pelo fogo do meu zelo” (3.8).

O resultado de tão severo juízo contra as nações foi predito como se lê nos vss. 12 e 13: “Mas deixarei, no meio de ti, um povo modesto e humilde, que confia em o nome do Senhor. Os restantes de Israel não cometerão iniquidade, nem proferirão mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa, porque serão apascentados, deitar-se-ão, e não haverá quem os espante”. Portanto, abatida a altivez dos povos, formar-se-á uma nova civilização, na qual o povo de Israel haverá de resplandecer. E, no dizer do resto do trecho, até o fim do livro, Deus reivindicará a causa de seu povo de Israel contra todos os que o afligiram através dos milênios. Isso importará na restauração de Israel. O profeta conclui seu livro, prevendo: “Naquele tempo, eu vos farei voltar e vos recolherei; certamente, farei de vós um nome e um louvor entre todos os povos da terra, quando eu vos mudar a sorte diante dos vossos olhos, diz o Senhor” (3.20). Ver no *Dicionário sobre Restauração de Israel*.

VI. Bibliografia

ALB AM E I IB ID YO Z

Ao Leitor

Forneço uma *Introdução* para o leitor sério, que o ajudará a compreender melhor este livro de Sofonias. A introdução aborda temas importantes, como: unidade; data; pano de fundo histórico; propósito; conteúdo. Sofonias foi um profeta enviado ao povo de Judá, cuja profecia foi escrita em cerca de 640-609 A. C., durante o tempo do reinado de Josias. Ver a *Introdução*, 2. *Data*, quanto a uma discussão completa.

Sofonias é um dos chamados *Profetas Menores*, que somam 12. O termo “menor” não é um juízo quanto ao poder e à importância desses profetas. Antes, apenas faz referência à pequena quantidade relativa do material que eles produziram. Os chamados *Profetas Maiores* (Isaías, Jeremias e Ezequiel) escreveram muito mais, razão pela qual são chamados *maiores*. Os eruditos judeus juntaram todos esses 12 livros num rolo (como se formassem um único livro) e chamaram a esse rolo de “o livro dos Doze”. De fato, o volume total combinado deles é como o de Ezequiel.

Ver o *gráfico* no início da exposição do livro de Oséias, onde apresento informações sobre os profetas do Antigo Testamento, incluindo a suposta ordem cronológica.

Este livro foi escrito formando contraste com a cortina de fundo dos jogos de poder internacionais. A Babilônia era o valentão entre as nações guerreiras que matavam, estupravam e saqueavam outros povos. O que não devemos esquecer, entretanto, é que *Yahweh* é que estava usando a Babilônia para castigar outros povos por causa de seus pecados. Algum dia, porém, por sua vez, a Babilônia seria castigada por outras nações, por causa de seus próprios pecados. A nação de Judá havia caído em um sincretismo doentio que tentava combinar o yahwismo com as religiões pagãs. A mistura era repelente, e tornavam-se inevitáveis o julgamento contra Judá, por meio da Babilônia, e o cativo babilônico. Quanto a detalhes, ver a *Introdução*, terceira seção, *Pano de Fundo Histórico*.

O tema *dia do Senhor* é usado com maior freqüência no livro de Sofonias do que em qualquer outro livro do Antigo Testamento. Esse tema ventila o *dia do julgamento* e, neste livro, pode ser ou não uma referência escatológica às condições anteriores à era do reino de Deus.

Os dias de Josias foram dias de reavivamento religioso, mas foi impossível eliminar os antigos pecados de Judá. A idolatria-adultério-apostasia na nação de Judá continuaria com pouca oposição, até que ocorresse o golpe esmagador, que por pouco não aniquilou a nação. Cremos que as reformas instituídas por Josias foram bastante superficiais, e nada mudaram muito por longo tempo. Cf. Jer. 2.11-13.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Julgamento contra Jerusalém (1.1-18)

Palavra do Senhor. Quase todos os livros proféticos dizem que os profetas envolvidos foram alvos da revelação de Yahweh, pelo que eram autorizados e suas palavras eram dignas de confiança. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Revelação e Inspiração*.

Sofonias, filho de Cusi... filho de Ezequias. A maioria dos profetas tem suas genealogias traçadas de volta somente até seus pais (ver Jon. 1.1; Joel 1.1). Zacarias tem uma genealogia que remonta a seu avô (ver Zac. 1.1). Em contraste com eles, a linhagem de Sofonias retrocede *quatro gerações*. É provável que isso tenha acontecido porque esse profeta pertencia à família real e tinha o rei *Ezequias* como antepassado. Ele governou Judá em cerca de 715-687 A. C. Quanto ao problema da data do livro de Sofonias, ver a *Introdução*, seção 2. Quanto a maiores detalhes, ver no *Dicionário* os artigos sobre cada um dos nomes próprios deste versículo. O fato de que ele pertencia à família real concedia a Sofonias certo prestígio que os profetas comuns não possuíam.

Nos dias de Josias. Josias foi rei de Judá em cerca de 640-609 A. C., pelo que o ministério profético de Sofonias (bem como a escrita de seu livro) ocorreu nesse período. Ver o *gráfico* sobre os profetas de Israel-Judá, na introdução ao livro de Oséias, que inclui informações sobre questões de cronologia.

Ameaça de Destruição (1.2-6)

1.2

De fato consumirei todas as cousas sobre a face da terra. Embora Judá estivesse vivendo dias grandiosos no momento, sua taça da iniquidade se enchia rapidamente. O território de Judá seria consumido totalmente pelo ataque do exército babilônico, e Yahweh era a Fonte originária desse ataque, pois Ele é o Deus Sabaote, General dos Exércitos. Deus estava prestes a "pôr fim" à arrogante nação de Judá (cf. Osé. 4.3). Note o leitor a destruição iminente ameaçada três vezes nos vss. 2 e 3. Os termos desses versículos são tão radicais que os intérpretes olham para o dia escatológico que varrerá do mapa o mal, antes da inauguração do Reino de Deus.

1.3

Consumirei os homens e os animais. "Nesta extensa denúncia, há, como é claro, uma reminiscência de Gên. 7.23. 'Peixes do mar' aqui, entretanto, é substituído em Gênesis por 'répteis'. Cf. esta profecia com a que houve durante o reinado de Manassés (ver II Reis 21.13)" (Ellicott, *in loc.*).

A natureza inteira participará do expurgo geral, mas são destacados aqueles homens perversos que se tornaram *pedras de tropeço* para os bons e afrontas para Deus. Cf. Jer. 25.31-33. "Arruinarei o povo mau" (NCV). Alguns pensam que as "ofensas" aqui referidas sejam os ídolos, os fabricantes e os adoradores de ídolos. Essa terrível combinação tinha-se tornado um empecilho para a continuação da própria nação, pelo que a causa é severamente ameaçada. O Targum diz: "Cortarei da terra os homens, diz o Senhor". Está em vista o *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*), mas esse cativeiro tipifica um expurgo ainda maior, necessário antes que se estabeleça a era do reino de Deus.

1.4

Estenderei a minha mão contra Judá, e contra todos os habitantes de Jerusalém. Judá é agora claramente enfocado como objeto da matança que haverá no futuro. A *mão* de Yahweh será o instrumento de julgamento. Ver sobre *Mão*, em Sal. 81.14, e sobre *Mão Direita*, em Sal. 20.6. Haverá um *golpe divino*. Os habitantes de Judá e Jerusalém serão esmagados, e suas práticas idólatras, dedicadas a Baal, serão demolidas, juntamente com seus sacerdotes idólatras. A idolatria-adulterio-apostasia daquela nação a empurrava na direção de sua condenação. As reformas iniciadas por Josias foram superficiais e temporárias. Judá em breve não poderia mais retornar ao Senhor por meio do arrependimento. Cf. este versículo com Isa. 5.25; 9.12,17,21.

O resto de Baal. Josias tinha-se empenhado em um esforço heróico para livrar Judá da praga de Baal. Ver sobre *Baal*, no *Dicionário*. No entanto, permaneceu um resto desse tipo de abominação que em breve começou a florescer de novo e se espalhou por todo o território de Judá. Agora, porém, uma reforma divina ultrapassaria em muito a fraca reforma encabeçada por Josias.

Ministrantes dos ídolos. O original hebraico é *chemarim*. Estão em vista os "sacerdotes vestidos de negro", que serviam a diferentes ídolos. Ver II Reis 23.5. Esses sacerdotes foram destituídos por Josias, mas acabaram voltando a atuar. Estão em vista os horrendos sacerdotes que formavam o sacerdócio de Baal.

1.5

Os que sobre os eirados adoram o exército do céu. Os eirados ou pátios planos que encimavam as casas eram lugares convenientes para os ritos de honra a deuses do céu, corpos celestes, estrelas e hostes do céu. "A adoração dos eirados era praticada mediante o oferecimento de incenso e libações (cf. Jer. 19.13; 32.29; II Reis 23.5,12). A influência dos assírios (e babilônios) sobre as práticas religiosas de Judá, nos dias de Manassés e durante algum tempo mais, foi mais intensa no Antigo Testamento do que geralmente se confessa. Cf. II Reis 21.3,5; 23.4,5,11,12; Jer. 8.2; 19.13; Deu. 4.19 e 17.3" (Charles L. Taylor, Jr. *in loc.*).

Sincretismo Doentio. Os judeus juravam e faziam votos tanto em nome de Yahweh como em nome de Milcom, que é interpretado como uma referência a *Moloke* (*Meleque*) (ver a respeito no *Dicionário*). *Malcã* representa uma vocalização diferente do mesmo nome. Ver Osé. 4.11; Jer. 49.1-3 e I Reis 11.5. Ninguém pode servir a dois senhores ao mesmo tempo (ver Mat. 6.24). Mas isso conta apenas parte da história, pois um dos mestres era o deus de um paganismo degradado, que havia corrompido completamente a nação de Judá.

1.6

Os que deixam de seguir ao Senhor, e os que não o buscam nem perguntam por ele. "Destruirei aqueles que se afastaram do Senhor. Eles deixaram de seguir o Senhor e pararam de fazer consultas a Ele" (NCV). Em outras palavras, o povo de Judá tornou-se culpado de *apostasia*. Cf. Sal. 53.3; 80.18; Pro. 14.14; Isa. 59.13. Aquela gente "inquiria" a outros deuses e deixou de inquirir a Yahweh. Eles perderam o costume antigo de buscar o Senhor, e substituíram essa prática pela busca de muitos cultos dos povos pagãos. Os homens costumavam buscar a vontade de Yahweh através de sacerdotes que manipulavam as sortes sacras ou contemplavam as pedras hipnóticas da estola sacerdotal. Ver I Sam. 30.7,8. Mais tarde, a casta profética entrou em proeminência e costumava prever o futuro e resolver problemas, de ordem pessoal ou nacional (ver I Reis 22.8; Jer. 37.7; e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Profecia*, *Profetas* e o *Dom da Profecia*. *Inquirição* tornou-se uma palavra técnica para indicar o *modus operandi* de um culto qualquer. A nação de Judá, em seu paganismo e apostasia, mudou tanto o culto quanto a inquirição.

Dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas.

(Jeremias 2.13)

O Sacrifício do Senhor (1.7)

1.7

Cala-te diante do Senhor Deus, porque o dia do Senhor está perto. Este versículo atua como uma declaração introdutória para o poema que aborda o *dia do Senhor*. Encontramos aqui a primeira das 19 referências a esse dia. O poema se estende pelo restante do capítulo. Yahweh é aqui retratado a realizar um sacrifício. Judá é a vítima, e as forças babilônicas e seus aliados são os hóspedes convidados. O julgamento desse terrível sacrifício ainda não é universal, visto que, no julgamento final, as nações também serão vítimas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dia do Senhor*. Cada participante, a vítima e as testemunhas mantêm-se parados e aterrorizados, enquanto Yahweh sacrifica o próprio povo. Diferentemente de Isaque, Judá não escapou e merecia o que estava acontecendo. Talvez a figura tenha sido tomada por empréstimo de Isa. 34.6. Os hóspedes, naturalmente, em todos os sacrifícios, exceto o *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*), participavam da carne da vítima, depois que o sangue e a gordura foram oferecidas a Yahweh (ver Lev. 3.17), e oito porções escolhidas eram dadas aos sacerdotes (ver Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). Mas é um erro pressionar os detalhes. Ver também Hab. 2.20 e Zac. 2.13.

A Punição dos Príncipes (1.8-9)

1.8-9

No dia do sacrifício do Senhor hei de castigar os oficiais e os filhos do rei. Os príncipes e nobres faziam parte do povo que formava o sacrifício coletivo. Naquele terrível dia do Senhor, quando Ele realizar o rito, os líderes e nobres se destacarão entre os sofredores, visto que se tinham destacado entre os principais pecadores. Esses segmentos da sociedade vestiam roupas estrangeiras (importa-

das), elevando-se acima dos aldeões, e, no seu orgulho, eram culpados de muitas ofensas. Devemos compreender que essa gente se conformava ao paganismo de todas as maneiras possíveis, especialmente no que dizia respeito à idolatria. Suas vestes estrangeiras eram um símbolo disso.

Os vss. 8-9 condenam quatro pecados cardeais (e representativos), por causa dos quais aqueles homens ímpios e desviados deveriam ser punidos:

1. *Conformidade com este mundo* (ver Rom. 1.2), simbolizada pelo uso de roupas de fabrico estrangeiro. E a mais maligna das conformidades era a adoção da idolatria pagã (ver a respeito no *Dicionário*).
2. *Saltar sobre o limiar*. a. Isso poderia ser uma referência a I Sam. 5.5. A imagem de Dagom tinha caído e quebrado as mãos no limiar do seu templo. Desde então, seus adoradores passaram a saltar por sobre o limiar (para evitar o contato com aquele lugar infeliz), ao adentrar o templo. O significado disso, pois, seria que os líderes de Israel imitavam os filisteus em sua adoração, ou então participavam da idolatria pagã. A tradução inglesa diz: "Punirei aqueles que adoram a Dagom". b. Mas alguns estudiosos supõem que "saltar por sobre o limiar" significa saltar o limiar de casas ou palácios comuns, pois isso teria sido feito por homens violentos, que corriam para saquear o lugar no qual entravam.
3. *Violência espalhafatosa*. Nenhuma residência estava segura; nenhuma rua tinha segurança quando aqueles réprobos estavam nas proximidades. "Punirei aqueles que ferem a outros" (NCV). Talvez esteja em foco o sacrilégio: aqueles homens enchiam as casas (templos) de seus senhores-deuses com violência. Os santuários tornaram-se a cena de toda a espécie de deboche e crimes de sangue.
4. *Fraude e engano*. Aqueles ímpios lideravam seu país em negócios desonestos de toda a sorte, no comércio, na vida pessoal, na política e nos tratados. Um significado possível é que, através desses métodos, os homens enchiam as casas de seus senhores com ganho obtido desonestamente. Ou então enchiam os templos pagãos com esse ganho, usando-os como se fossem tesouros. Parte dessas riquezas, sem dúvida, sustentava o culto e o pessoal dos templos. Os chefes desses santuários logicamente aprovavam o que era feito, por estarem compartilhando dos lucros.

Como o Dia do Senhor Afetará Jerusalém (1.10-11)

1.10

Naquele dia, diz o Senhor, far-se-á ouvir um grito. O inimigo se aproximaria de Jerusalém vindo do norte, entrando primeiramente pela Porta do Peixe (Nee. 3.1-6; 12.29; Jer. 1.13-16). A *Cidade Baixa* talvez seja uma alusão à adição de construções à cidade pelo único lado por onde ela poderia expandir-se, o lado norte. II Reis 22.14 diz-nos que Hulda vivia ali. Talvez os "outeiros" aqui mencionados sejam aquelas em redor de Jerusalém, porém é mais provável que esteja em pauta aquela parte da cidade chamada por esse nome, "os Outeiros". Contudo, ninguém sabe qual porção da cidade era ocupada pelos "Outeiros". Alguns estudiosos pensam que estão em foco Sião e o monte Moriá.

O significado geral é bastante claro. A cidade assediada mergulharia no pânico quando o ataque a atingisse por todos os lados. Não haveria onde se esconder. Haveria choro e lamentação, bem como os horrendos ruídos da guerra, que atravessariam o ar.

1.11

Uivai, vós, moradores de Mactés. O Pilão (no hebraico, *Mactés*) é, ao que se presume, outra parte da cidade assediada, mas isso não está mencionado em nenhuma outra parte da Bíblia, e ninguém pode calcular que lugar está em vista aqui. O restante do versículo parece indicar que essa seção da cidade era cena de intenso comércio, o qual, contudo, pararia imediatamente diante do avanço dos babilônios. John D. Hannah, *in loc.*, chamou essa parte da cidade de "centro dos negócios". Os lucros terminariam; não haveria mais pesagem de ouro e prata para comprar produtos. Os babilônios recolheriam todo o dinheiro e os produtos. O lucro seria deles. Na época não havia moedas cunhadas, pelo que pesos de metais preciosos determinavam os valores. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Dinheiro*, quanto a detalhes. O *pilão* pode ser referência a uma rocha usada para moer grãos. Um pilão era um vaso parecido com uma bacia (ou então uma pedra moldada nessa forma) usada para moer grãos. Talvez a palavra se refira a um *local* geográfico de forma semelhante a um pilão. Josefo (*Guerras V.iv.1*) referiu-se à questão das *cidades ruidosas*, que eram como lugares onde as pessoas pisavam o grão ou se ocupavam no comércio em geral. Tal lugar estava repleto de casas e empreendimentos comerciais.

A Sorte dos Indiferentes (1.12-13)

1.12

Naquele tempo esquadriharei a Jerusalém com lanternas. Seria feita busca completa para que se tivesse certeza de que nem um único culpado escaparia, e os poucos inocentes ficariam com os culpados, apanhados pelo mesmo terror. Aqueles que esperavam que nada acontecesse aos que "se fixassem em

seus sedimentos" não formariam exceção. A lâmpada do profeta brilharia sobre eles, mostrando o que eles eram. "O vinho precisa ser agitado e derramado de tina para tina. Pois, caso contrário, engrossa e perde a força. Assim também 'despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade, e tem repousado nas fezes de seu vinho; não foi mudado de vasilha pra vasilha, nem foi para seu catifeiro' (Jer. 48.11)" (Charles L. Taylor, Jr. *in loc.*).

Os refugos precisavam ser removidos diariamente. Caso isso não acontecesse, formava-se uma crosta dura, e o líquido virava xarope de gosto ruim. Judá, pois, havia-se tomado endurecido, por não ter sido misturado, mostrando-se indiferente para com a mensagem agitada de Yahweh. Mas a complacência de Judá não indicava que Yahweh se mostrava passivo quanto às corrupções da nação. "Punirei aqueles que se estabeleceram e estão satisfeitos consigo mesmos" (NCV). Aqueles ímpios não eram capazes de ver a mão de Deus nos acontecimentos humanos. Eles pensavam que Yahweh (se é que Ele existia) faria coisas boas em favor deles, e nada de mau. Eram *ateus práticos*. Talvez acreditassem em Deus, mas isso não fazia a menor diferença quanto à sua conduta. Eles diziam: "Nada de Deus para nós!".

1.13

Por isso serão saqueados os seus bens. O julgamento divino haveria de feri-los repentinamente, quando não estivessem esperando por isso, provando-lhes que Yahweh *intervém* nos eventos humanos. O Criador também intervém em Sua criação, recompensando e punindo em concordância com os requisitos da lei moral, o que constitui o *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Contraste-se isso com o *Deísmo*, que supõe que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação aos cuidados das leis naturais. Essas pessoas, que se mantinham indiferentes para com a mensagem divina, teriam de enfrentar os babilônios, que saqueariam e reduziriam a nada suas casas. Os judeus, pois, edificariam casas somente para perdê-las, antes que tivessem a oportunidade de habitar nelas; plantariam vinhas somente para os babilônios, e não para si mesmos, porquanto antes que chegasse o tempo da colheita eles perderiam todas as terras. Cf. Amós 5.11; Miq. 6.15; Deu. 28.30,39. Os poucos judeus que sobrevivessem ao ataque seriam levados para a Babilônia, onde serviriam como escravos, sem terras e sem direitos. Note o leitor que este versículo exprime uma das *maldições* do livro de Deuteronômio contra aqueles que desobedecessem à lei mosaica.

O caráter generalizado da prestação de contas a Deus é completamente devastador. Esse castigo cairia sobre os judeus investidos de autoridade, bem como sobre os menos responsáveis. Esse castigo divino tomaria todos os judeus iguais no julgamento, uma maneira terrível de ser igual.

A Ira de Deus (1.14-16)

1.14-15

Está perto o grande dia do Senhor. O dia do Senhor é aqui chamado de "grande", pois será um julgamento temível e todo-consumidor, que varrerá todos à sua frente, sem respeitar nenhuma classe. Nivelará a sociedade inteira, e deixará todos os seres humanos na mesma miséria. Esse dia temível é representado como iminente, doloroso, devastador, melancólico, universal, sem nada para ser desejado. O vs. 14 repete a idéia do vs. 7 — a proximidade do dia do Senhor.

Note o leitor que até poderosos guerreiros serão deixados em um choro patético, completamente aquebrados pela matança e pelo saque que esmagará toda a cidade de Jerusalém. Cf. a narrativa com Isa. 13.9,10: o dia do Senhor produzirá melancolia e trevas; e conferir também Joel 1.15: o dia do Senhor trará a "destruição" causada por Yahweh; finalmente, conferir Eze. 7.19: nenhuma riqueza de prata ou ouro poderá livrar uma única pessoa do dia do Senhor. Ver também Amós 5.18,20 e 8.9: o dia do Senhor será tenebroso, e não dia luminoso.

O vs. 15 tem sua própria lista de descrições miseráveis: o dia do Senhor será de tribulação, agonia, indignação, alvoroço, desolação, escuridade, melancolia, nuvens e espessas trevas. Dessa maneira, Sofonias acumula palavras ameaçadoras na tentativa de expressar a miséria total daquele dia, que se manifestará contra o pecado, em concondância com a lei da colheita segundo a sementeira (ver Gál. 6.7,8). "As hordas babilônicas avançavam a fim de conquistar, matar, saquear, violar, tocar a trombeta e gritar enquanto avançavam, tanto contra Jerusalém como contra outras cidades fortificadas de Judá" (John D. Hannah, *in loc.*).

1.16

Dia de trombeta e de rebate contra as cidades fortes. No dia do Senhor a trombeta de guerra será o rei. Está em vista o chifre de carneiro, que era tocado para alertar os soldados para a marcha ou para encorajá-los enquanto durante o ataque. Por isso lemos em Amós 2.2: "Moabe morrerá entre grande estrondo, alarido e som de trombeta". Ver também Jos. 6.5. Cidades fortificadas cairão diante da máquina de guerra babilônica. Torres altas ou "altas muralhas" (Revised Standard Version) de nada adiantarão como defesa. Seria o dia da Babilônia, e Judá ficaria sem defesa, a despeito de suas elaboradas medidas defensivas. A moral da história

é que, a menos que o Senhor edifique e defenda a cidade, ela acabará caindo, a despeito dos esforços dos construtores e defensores humanos. Ver Sal. 127.1.

O Julgamento Universal (1.17-18)

1.17

Trazei angústia sobre os homens, e eles andarão como cegos. Angústia (Revised Standard Version); vida difícil (NCV); desolação; indignação. Essas são palavras que descrevem os efeitos do julgamento universal. Os homens preferiram ser espiritualmente cegos; ignoraram a legislação mosaica, que foi dada como *guia* (Deu. 6.4 ss.); rejeitaram a lei, que foi outorgada a fim de conferir-lhes vida (Deu. 4.1; Eze. 20.11); recusaram-se a ser um povo *distinto* entre as nações (Deu. 4.4-8). Foi contra Yahweh que eles pecaram, e isso O forçou a derrubá-los por terra. Eles seriam mortos, seu sangue seria derramado no chão, e seu corpo serviria somente para fertilizar o solo. Cf. este versículo com Deu. 28.29 e Jer. 22.19.

1.18

Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia da indignação. Aqueles homens, que sempre empregaram o suborno para obter o que queriam, tentarão usar de novo essa técnica para comprar os babilônios, mas estes ignorarão tão tola medida. Os babilônios estavam ali para apossar-se de tudo, pelo que a idéia do suborno será eliminada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Suborno*. Gananciosamente eles se apossaram do ouro e da prata da terra, somente para que os babilônios viessem e tomassem tudo, reduzindo os habitantes de Judá à total pobreza e servidão, isto é, aqueles que conseguissem sobreviver. O dia da ira do Senhor viria como *fogo* (ver no *Dicionário* quanto a essa metáfora). Tudo seria subitamente consumido. “Ele porá fim a todos os habitantes da terra” (NCV). A severidade das palavras deste versículo subentende que o ataque dos babilônios seria apenas uma figura simbólica do dia escatológico ainda mais terrível, que expurgará o mundo, em preparação para a era do reino de Deus.

“Finalmente, ali estará algo que o ouro e a prata dos homens não poderá livrá-los. Eles estarão desnudados de sua substância e terão de enfrentar a Deus. E nada terão para dizer a Ele” (Howard Thurman, *in loc.*). Cf. Isa. 10.23, que pode ser a base literal deste versículo.

Capítulo Dois

Julgamentos contra as Nações (2.1-15)

Convocação para Punição dos Homens (2.1-2)

A nação “que não tem pudor” presumivelmente é Judá. Outras nações, entretanto, participarão da terrível sorte de Judá, como os filisteus e as nações circunvizinhas. Assim sendo, embora o julgamento divino seja particular, ele foi generalizado. Os babilônios varreriam toda a região, não permitindo o escape de nenhuma vítima potencial. Os vss. 4-15 manifestam-se contra as *nações* da área da Palestina.

2.1

Concentra-te e examina-te, ó nação, que não tens pudor. Yahweh convoca aqui Seu povo desviado para uma assembléia, a fim de que ouçam a declaração de sua *sorte melancólica*. O processo todo seria feito publicamente, porque os judeus eram pecadores públicos. Formavam um povo “desavergonhado”, ou seja, literalmente, “nação que não tem pudor”, a despeito de suas horrendas imoralidades. A raiz do vocábulo hebraico é *kasap*, “empalidecer” ou “ficar branco de vergonha”. Fazia muito tempo desde que um judeu “embranquecera” de vergonha. Uma palavra relacionada é *kesep*, que significa “prata”. Judá esqueceu como corar ou sentir-se embaraçado. Cf. Sof. 1.12. A nação se endureceu para a natureza real e degradante do pecado, e fez do jogo do pecado mero esporte. Os judeus tornaram-se tão debochados com o pecado e a degradação que Yahweh não mais queria estar com eles. Eles perderam sua posição na aliança com o Senhor. “Concentra-te, ó povo não querido” (NCV). Eles se tornaram apenas mais uma nação pagã em sua desenfreada idolatria-adultério-apostasia. Anularam sua filiação e sua herança. Os apóstatas judeus foram rejeitados, e agora a única coisa que podiam fazer era esperar o castigo que tão ricamente mereciam.

2.2

Antes que saia o decreto, pois o dia se vai como a palha. Yahweh convocou os judeus com urgência, para que O buscassem humildemente, “antes que fosse tarde demais” (NCV); antes que fossem soprados para longe como a

palha é soprada pelo vento; antes que a feroz ira de Yahweh os queimasse e os transformasse em cinzas; antes que o temível dia do Senhor os apanhasse, e a ira divina os reduzisse como se fosse as chamas usadas pelo refinador. Uma série de “antes” reflete a urgência do caso, porquanto agora o tempo estava curto, e o exército da Babilônia já havia iniciado sua marcha de conquista. O *decreto* de Yahweh estava por trás da situação inteira, pois Ele é o Soberano. Ele é *Adonai-Yahweh*, o Senhor Soberano que cumpre Sua vontade entre os homens e as nações. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Soberania de Deus*. Diz o Targum: “Antes que o decreto da casa de julgamento venha sobre ti e sejas como a palha que o vento sopra, e como uma sombra que passa antes do dia”.

O Convite aos Humildes (2.3)

2.3

Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra. O dia do Senhor será fatal para os orgulhosos. O convite divino para as pessoas se arrependerem e escaparem do terror foi dirigido aos humildes. Ver a *humildade* contrastada com o *orgulho*, em Pro. 11.2; 13.10; 15.3,25; 16.5,18; 18.12; 21.4 e 30.12,32. Na humildade, um homem pode compreender e seguir aquilo que é reto, e na mansidão ele pode achar a restauração. Nesse caso, ele pode ocultar-se sob a misericórdia mão do Senhor, quando o dia aterrorizante ferir a terra. Um remanescente poderá ser “abrigado” no tempo da tempestade (derivado do termo hebraico *satar*, “escondido”, “oculto”). Esse vocábulo é sinônimo de *sapan*, palavra da qual o nome de Sofonias foi extraído. Sofonias era um homem abrigado, e outros poderiam juntar-se a ele, se buscassem o abrigo na humildade e retidão. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Humildade*.

*O Senhor é a nossa Rocha, Nele nos escondemos,
Um abrigo no tempo da tempestade.
Seguros, sem importar o mal que prevaleça,
Um abrigo no tempo da tempestade.*

(Ira D. Sankey)

Oráculo contra a Filístia (2.4-7)

2.4

Porque Gaza será desamparada, e Ascalom ficará deserta. Quatro cidades filistéias principais são mencionadas. Gate foi deixada de lado, porquanto já não existia. A vassoura babilônica varreria toda a área palestina, e a Filístia não seria isentada. “Os filisteus seriam desolados, porque a palavra de Yahweh era contra eles (ver Joel 3.4-8)” (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 4). A palavra é o decreto divino, e o decreto é o Seu poder que opera universalmente entre os homens. A história e a arqueologia confirmam a devastação e a dispersão que os filisteus sofreram. Heródoto (*Hist.* II.157) conta-nos parte da história. Um papiro em aramaico, encontrado em 1942 em Sagara (Mênfis), contém um pedido de ajuda contra os babilônios que avançavam Palestina a dentro e já tinham chegado tão longe quanto Afeque. Isso pode ter sido um apelo enviado por Asquelom, e data de cerca de 603-602 A. C.

Quanto aos *quatro* nomes próprios, das principais cidades da Filístia, ver os artigos que forneço sobre cada um deles. Note o leitor as palavras descritivas: Gaza (esquecida); Asquelom (desolada); Asdode (dispersa, expulsa); Ecom (desarraigada). Por meio desse acúmulo de palavras, o profeta enfatizou a devastação generalizada naquela porção do mundo. As cidades foram mencionadas por uma ordem do sul para o norte, e talvez tenha sido assim que os babilônios avançaram. Também há aqui um jogo de palavras: Gaza soa como a palavra para “desertada”; Ecom soa como a palavra “desarraigada”. Cf. Miq. 1.10-12 e Eze. 25.16. Asdode seria derrotada dentro de um prazo muito curto, da manhã ao meio-dia, que formava um bom tempo para uma batalha, com frequência usado pelos exércitos antigos. A Pedra Moabita (linhas 15-16) diz alguma coisa similar: “... combateu contra ela do romper do dia até o meio-dia, e a conquistou”. A inscrição Zenjirli também se refere à conquista de Mênfis ao meio-dia.

2.5

Ai dos que habitam no litoral, do povo dos quereitas! Os habitantes das costas marítimas eram os filisteus que se tinham estabelecido ali pouco depois de 1200 A. C. Eles migraram da Ásia Menor e das ilhas do Mediterrâneo, incluindo Creta. Heródoto (*Hist.* I.173) vinculou os filisteus com a ilha de Creta. A mesma informação é dada em Amós 9.7. Cf. também Deu. 2.23 e Jer. 47.4. Outro nome para os filisteus é *Quereteus* (ver a respeito no *Dicionário*, onde forneço detalhes que não repito aqui). Originalmente, esse termo pode ter sido uma referência à ilha de Creta. Ver também I Sam. 30.14; II Sam. 8.18; 20.23; I Crô. 18.17; Eze. 25.16. O propósito de Deus era contra os filisteus. Tinha chegado o dia da conde-

nação deles. Pelo golpe da mão divina, o território dos filisteus ficaria essencialmente desabitado. Faraó Neco II, do Egito (609-594 A. C.), infligiu grandes perdas na área, e o pouco que restou foi liquidado pelos babilônios. Cf. Jer. 47.

2.6

O litoral será de pastagens, com refúgios para os pastores. Tão completa seria a devastação, que áreas que tinham sido cidades altivas seriam transformadas em terras de pastagem, e os pastores tomariam conta das regiões onde exércitos orgulhosos antes tinham marchado. Em lugar de seres humanos, haveria ovelhas e outros animais domésticos. Os sobreviventes não mais estariam interessados nas guerras e na glória, mas contentar-se-iam em viver a vida fácil dos fazendeiros e dos pastores. "Essa faixa do país é representada como assolada e desolada, a ponto de tornar-se mero território de ovelhas" (Ellicott, *in loc.*). O quadro assim representado é de um genocídio quase total, o que, afinal, era a especialidade dos assírios e babilônios.

2.7

O litoral pertencerá aos restantes da casa de Judá. Este versículo (considerado uma glosa pelos críticos) mostra a esperança de uma nação de Judá restaurada que se estenderia até os antigos territórios dos filisteus. *Yahweh-Sabaote*, o Deus Eterno e General dos Exércitos, que também é *Elohim*, o Poder (cf. o vs. 9), agiria na história humana; Ele *interviria* e reorganizaria as fronteiras antigas, dando a Israel-Judá uma porção mais ampla. Isso fará parte da restauração de Israel, porquanto *Yahweh Elohim* os conservaria na mente para o bem e lhes restauraria a sorte. "Ele lhes devolverá as riquezas deles" (NCV). Literalmente, o texto hebraico original diz: "trazendo de volta os seus cativos", ou seja, Deus restaurará os israelitas à terra deles e ali haverá deabençoá-los abundantemente. Cf. Sof. 3.20. "A futura ocupação desse território, por Judá, é garantida pelo pacto abraâmico (ver Gên. 15.18-20)" (John D. Hannah, *in loc.*). Alguns estudiosos supõem que o que aconteceu nos dias dos macabeus foi suficiente para explicar este versículo, mas o mais provável é que esta passagem pretenda ser uma predição escatológica, a ser cumprida na era do reino de Deus.

Oráculos contra Moabe, os Filhos de Amor e os Etíopes (2.8-12)

2.8

Ouvi o escárnio de Moabe, e as injuriosas palavras dos filhos de Amom. "Os moabitas e os amonitas seriam aniquilados, tornando-se como Sodoma e Gomorra, porque zombaram e se vangloriaram contra o povo do Senhor (cf. Isa. 15 e 16; 25.10-12; Jer. 48.1-49.6; Eze. 25.8-11; Amós 1.13 - 2.3)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 8).

2.9

Moabe será como Sodoma, e os filhos de Amom como Gomorra. Os moabitas e amonitas do século VI A. C. se aproveitaram dos infortúnios de Judá em mais de uma ocasião (ver Amós 1.13-15; 2.1-3). Uma conduta ultrajante não poderá deixar de ser tratada, quando chegar o dia da prestação de contas. Os arrogantes opressores serão reduzidos a nada, como aconteceu a Sodoma e Gomorra (ver Gên. 19.23-29). Aquela gente orgulhosa tornar-se-á escrava dos judeus, e suas terras serão confiscadas.

Os vizinhos de Judá ao oriente eram cheios de escárnio e vanglória, e ajudaram a Babilônia, em seu pecado contra Judá. Eles planejavam ficar com parte do território de Judá que fosse conquistado. Mas, ao contrário disso, seus esquemas maldosos haveriam de atuar como um bumerangue contra eles. A brutalidade dos babilônios não lhes permitiria escapar. A devastação de Moabe seria tão grande que qualquer um lembraria o que sucedeu a Sodoma, e o aniquilamento traria à memória a cidade de Gomorra. Aqueles réprobos colheriam o que haviam semeado (ver Pro. 22.8; Gál. 6.7,8). Eles tinham sido saqueadores violentos, pelo que também seriam saqueados com violência. Eles ficariam em estado desolado, uma terra cheia de mato daninho, espinheiros e poços de sal. Sua desolação não teria cura, mas se estenderia para sempre. Suas terras seriam tomadas, e Israel-Judá participaria delas. Cf. Hab. 2.8,9; Isa. 16.7; Jer. 48.29; Amós 1.13-15 e 2.1-3. Ver também Gên. 19.24-28 quanto à antiga história de Sodoma e Gomorra.

"Se a figura de vingança aqui contada não é particularmente edificante, a passagem pode sugerir a sorte do orgulho, conforme pintado algures no Antigo Testamento, em passagens como Isa. 14.4-6 (contra a Babilônia); 47.1-15 (a Babilônia); Eze. 27.1-36 (contra Tiro); Dan. 5.22-24 (contra Belsazar)... e pode servir como lembrete de que esse pecado está entre as transgressões particularmente denunciadas por Jesus" (Charles L. Taylor, Jr., *in loc.*).

Quanto ao contraste entre orgulho e humildade, ver Pro. 6.17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32. Ai dos que enriquecem por meio da violência e da esperteza! Ai dos destemperados, cheios de orgulho, saque e cobiça, pois querem tomar as possessões alheias!

2.10

Isso lhes sobrevirá por causa da sua soberba, porque escarneceram. Essas nações eram orgulhosas, o que as impulsionou à zombarias e jactâncias. Eram a maçã mais azeda no pomar das nações. Por causa das atitudes que provocaram toda a espécie de atos atrevidos, eles sofreriam a punição descrita no vs. 9. *Yahweh-Sabaote*, o Deus Eterno e General dos Exércitos, tem o poder de cumprir Suas ameaças. A história mostra que foi exatamente isso o que aconteceu. O governo universal de *Yahweh*, exercido em concordância com a lei moral, não faria exceções. "O pecado de Moabe era o orgulho deles (cf. Isa. 16.6; Jer. 48.29), evidenciado nos insultos e nas zombarias contra o povo de Deus (cf. Sof. 2.8; Eze. 25.5,6,8)" (John D. Hannah, *in loc.*).

Jarchi imaginou o seguinte caso: Judá estava sendo levado no exílio para a Babilônia. Os amonitas e moabitas puseram-se a zombar deles, rindo-se, como que dizendo: "Por que estais a chorar e a lamentar? Pensem nisso! Estais retornando a Ur, de onde veio vosso pai, Abraão".

2.11

O Senhor será terrível contra eles, porque aniquilará todos os deuses da terra. Aquela gente sentirá medo do Senhor. Ele destruirá todos os deuses da terra. Então povos de lugares distantes adorarão o Senhor em seus próprios países. Em primeiro lugar vem a devastação. Mas os julgamentos de Deus são remediais, e não meramente retributivos (ver I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*; e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração*). Cf. Miq. 4.1,2. "A remoção da idolatria pavimentará o caminho para a adoração mundial quando Cristo estiver governando a terra como Rei. Na presente seção (vss. 8-11), o profeta repetiu a mensagem mediante tríplice argumento: as razões para o julgamento (vss. 8,10); a natureza do julgamento (vss. 9a e 11a); e a provisão final da bênção (vss. 9b e 11b)" (John D. Hannah, *in loc.*).

2.12

Também vós, ó etíopes, sereis mortos pela minha espada. Essa minúscula notícia sobre a Etiópia pode ser fragmento de um oráculo mais amplo, ou então, alguma coisa como uma glosa feita por um editor posterior, o qual de alguma maneira disse: "E a Etiópia também será julgada". Esse julgamento se processará por meio da *espada*, ou seja, por intermédio da *guerra*. Note o leitor o uso da primeira pessoa do singular, na frase "minha espada", pois quem falava era *Yahweh*, que emprega exércitos para fazer a Sua vontade e punir povos desviados, tanto Seu próprio povo como o resto das nações. Ele é o Juiz universal. Os cuxitas ou etíopes eram descendentes de Cuxe, um dos filhos de Cão (ver Gên. 10.6; I Crô. 1.8). Eles residiam na região do alto rio Nilo, atualmente ocupada pelo sul do Egito, pelo Sudão e pela parte norte da Etiópia. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Cuxe* e *Etiópia*, quanto a detalhes. Cf. este versículo com Jer. 46.2,9; Eze. 30.4,10 e Amós 9.17. Nabucodonosor, em 586 A. C., esmagou aquela região do mundo, pelo que essa palavra ameaçadora teve cumprimento.

Aviso à Assíria (2.13-14)

2.13

Estenderá também a sua mão contra o norte, e destruirá a Assíria. A ira de Deus voltar-se-á contra todos os países da área, perfazendo um círculo completo através de todas as direções. Chegamos agora ao *norte*, a Assíria. Esse país e sua capital, Ninive, também estão sob a maldição divina. A seção diz o mesmo tipo de coisas contra a Assíria, que já tínhamos visto ser declarado contra outra nação. Jonas viajou àquele lugar para pregar, e o arrependimento dos ninivitas foi o resultado. Isso outorgou quase 150 anos extras de vida nacional. Mas Naum mostrou que as coisas tinham azedado novamente, e o plano de julgamento divino precisou continuar. Foi exatamente o que sucedeu. Ninive foi destruída em 612 A. C. pelos poderes combinados dos medos e babilônios. Pouco mais tarde (609 A. C.), foi conquistada a Assíria inteira. Quanto a detalhes, ver o último parágrafo das notas expositivas no artigo sobre a *Assíria*, no *Dicionário*. Ver também o artigo chamado *Ninive*.

A Assíria era culpada de atrocidades sem dó, e foi essa a potência que devastou a nação do norte (as dez tribos de Israel), em 722 A. C., e levou os poucos sobreviventes de Israel para o cativeiro. Em seguida, os assírios enviaram povos para preencher o vácuo que ficara no território das tribos do norte. Essa gente recém-chegada se misturou por casamento com os poucos sobreviventes na terra, do que resultou o povo samaritano.

A mão de Yahweh operou através dos medos e babilônios para pôr fim ao império assírio. O governo divino de Yahweh, que opera em consonância com a lei moral, foi assim exibido. Ver sobre *Mão*, em Sal. 81.14 (e também no *Dicionário*); e ver sobre *Mão Direita*, em Sal. 20.6. Ver também, no *Dicionário*, os verbetes denominados *Soberania de Deus* e *Teísmo*, quanto a idéias que ilustram o presente versículo. A mão divina devastaria a Assíria e a cidade de Ninive de tal modo que esses lugares seriam transformados em desertos. Ver Naum 3 quanto a detalhes. Sofonias pode ter tido em mente essa passagem, ao escrever os vss. 13 e 14.

2.14

No meio desta cidade repousarão os rebanhos, e todos os animais em bandos. A desolação de Ninive seria demonstrada pelo fato de que a área da cidade se tornaria lugar de rebanhos de animais domésticos e animais ferozes, alguns dos quais o autor sacro listou: "... alorjar-se-ão nos seus capitéis assim o pelicano como o ouriço; a voz das aves retinirá nas janelas, o monturo estará nos limiares; porque já lhe arrancaram o madeiramento de cedro". Cedros preciosos, cuja madeira tinha sido antes usada como parte de edifícios altivos, seriam rachados e tornar-se-iam alojamentos convenientes para animais e pássaros. Em lugar de uma cidade barulhenta e ativa, haveria a cacofonia de animais ferozes. Aves voariam para fora e para dentro de edifícios desertos, clamando enquanto faziam isso. Os portais de casas arruinadas acolheriam animais ferozes e aves selváticas. A imagem era de desolação, ruína e ausência de população humana. "Essa descrição de desolação envolveu até os painéis de cedro das paredes sem teto, que tinham sido abertos pelo vento e pelas chuvas" (Ellicott, *in loc.*).

Nota de Rodapé (2.15)

2.15

Esta é a cidade alegre e confiante, que dizia consigo mesma: Eu sou a única. É possível que tenhamos aqui uma adição à seção. A exaltada cidade, que se sentia tão segura em suas riquezas e fortificações e dizia: "Eu sou a maior!", julgava-se a mais importante cidade do mundo e proferia absurdos como: "Eu sou, e não há nenhuma outra" (Revised Standard Version); ou então: "Nenhuma é tão forte como eu" (NCV). Essa cidade ficaria abandonada e desolada, sem forças, sem riquezas e sem conforto algum, e sem nenhuma vida humana. Ver Isa. 47.8, de onde este versículo provavelmente foi tirado. Ver também Jer. 19.8. "A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito a queda" (Pro. 16.18). Cf. Luc. 1.52. Durante cerca de 200 anos, Ninive foi a principal cidade do mundo conhecido da época. Mas o livro da história encerrou suas páginas e prosseguiu para um novo capítulo. Atualmente, o que restou da cidade é abertamente escarnecido pelos que passam por lá. Essas pessoas assobiam, insultam e sacodem a cabeça, defronte da antiga grande cidade. A ímpia cidade de Ninive foi entregue às feras, visto que se tornara tão corrompida que seus habitantes perderam o direito de ocupar o local.

*Não há remédio para a tua ferida; a tua chaga é incurável;
todos os que ouvirem a tua fama baterão palmas sobre ti;
porque sobre quem não passou continuamente a tua
maldade?*

(Naum 3.19)

Capítulo Três

Ameaças e Promessas (3.1-20)

Ameaças contra Jerusalém (3.1-5)

"Vss. 1-7. Ai de Jerusalém, porque seus oficiais, juizes, profetas e sacerdotes são corruptos e não temem o justo Senhor, que está no meio deles" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 1 deste capítulo).

"Tendo descrito o iminente julgamento divino contra os países circunvizinhos a Judá, o profeta Sofonias retornou, uma vez mais, ao tema da condenação de Jerusalém (cf. Sof. 1.4-2.3). Ele enfatizou a necessidade de os ímpios judeus buscarem o arrependimento. O profeta listou as queixas de Deus contra Seu povo (Sof. 3.1-5) e então proferiu o inevitável juízo divino (vss. 6-7)" (John D. Hannah, *in loc.*).

3.1

Ai da cidade opressora, da rebelde e manchada! Um "ai" foi proferido sobre a horrenda cidade de Jerusalém, por causa da multidão de pecados que quebraram cada um dos Dez Mandamentos. A nação de Israel se tornou *distinta* por possuir a lei mosaica e ser-lhe obediente (ver Deu. 4.4 ss.). A lei era o *guia*

(ver Deu. 6.4 ss.). Mas a nação de Judá, dos dias de Sofonias, tinha esquecido o pacto (ver sobre o *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19) e, por isso, perdeu sua distinção e seu direito de primogenitura.

Isto posto, o profeta chamou Jerusalém de "rebelde", "contaminada" e "cidade opressora". A *tríplice repreensão* é então ampliada em seguida. Os habitantes de Jerusalém tinham-se rebelado contra Yahweh, abandonado o culto a Ele e adotado toda a espécie de contaminação pagã, tanto religiosa quanto moral, especialmente a idolatria, que é a contaminação final, de acordo com a mentalidade do Antigo Testamento. Os pecados de Jerusalém eram tanto contra Deus como contra o povo. Eles se tornaram especialistas em todos os tipos de pecados e fizeram da perversão um modo de vida. Eles se transferiram para o pólo oposto da espiritualidade. Tornaram-se diametralmente contrários à espiritualidade, conforme o Antigo Testamento a define. Neles não havia temor do Senhor. Ver no *Dicionário* e também em Sal. 119.38 o verbo chamado *Temor*. Cf. Pro. 1.7.

3.2

Não atende a ninguém, não aceita disciplina. Falhas caracterizavam Judá, que não ouvia nenhuma voz disciplinadora, estando indisposta a ouvir e a seguir a correção. Judá também deixou de confiar em Yahweh e abandonou o culto a Ele, apelando para ídolos que não eram seres divinos. O povo de Judá deixou de usar o templo como maneira de aproximar-se de Deus e do culto antigo. A lei e os profetas eram as vozes de Deus, mas o povo de Judá ouvia as vozes estranhas dos cultos pagãos.

Ver Sof. 1.6, 12; 2.1-3. Os judeus aproximaram-se de Baal e Moloque (ver Sof. 1.4-6). Ver também Deu. 4.7.

3.3

Os seus príncipes são leões rugidores no meio dela. "Seus oficiais são como leões rugidores. Seus governantes são como lobos famintos, que atacam no fim da tarde. Pela manhã nada resta dos que foram atacados" (NCV). Cf. esta declaração com Eze. 22.27 e Miq. 3.1-3. A ganância pela abundância material e pelo poder inspirou aqueles homens a atos de violência contra o próximo, incluindo crimes de sangue. Ver também Pro. 28.15; Amós 3.4 e Hab. 1.8. "Eles usam de violência e opressão predatória como se fossem feras. Repelem a luz e transformam o dia em noite, com suas libertinagens" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Sal. 22.12,13. "São tão gananciosos que devoram instantaneamente sua presa, não deixando nenhuma porção para o dia seguinte" (Ellicott, *in loc.*).

3.4

Os seus profetas são levianos, homens pérfidos. Os líderes religiosos não eram melhores que os réprobos líderes civis. Os profetas estavam inchados de orgulho e não eram dignos de confiança. Serviam a Baal, e não a Yahweh. Em sua arrogância, tinham perdido o caminho direito. Ver sobre a humildade e o orgulho contrastados, em Pro. 6.17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32.

Os sacerdotes há muito haviam abandonado o culto a Yahweh e tinham-se tornado sacerdotes dos deuses que nada representam. Eles profanavam o que era sagrado e violavam cada um dos Dez Mandamentos. Transformaram-se em estrelas errantes, que não obedeciam a nenhuma órbita, senão à de suas próprias concupiscências. O povo de Judá tomou-se infenso ao ensino, visto que os mestres tinham abandonado seu manual e *guia*, a lei de Moisés (ver Deu. 6.4 ss.). E mesmo quando Judá cultuava a Deus, esse culto era misturado com o paganismo, produzindo assim um sincretismo doentio. Além disso, eram praticantes de feitos profanos, que se tornaram líderes da idolatria-adulterio-apostasia que tomara conta de Judá.

3.5

O Senhor é justo, no meio dela; ele não comete iniquidade. Agora Yahweh é contrastado com aqueles homens ímpios e desvairados. Ele é o padrão de toda retidão e verdade, que nunca erra; Ele estabelece o modelo de santidade, o exemplo divino a ser seguido, o Pai que é imitado por Seus filhos. Cada novo dia é uma oportunidade para observar o santo exemplo. Suas leis governam o povo com equidade e justiça. Ele é sempre digno de confiança, em contraste com seus falsos representantes. Contudo, os líderes continuavam a praticar seus inúmeros pecados, sem sentir vergonha. Os injustos desconhecem o pejo (Sof. 2.1). A lei divina requer que Yahweh apóie os bons e puna os ímpios, pelo que o exército babilônico estava prestes a iniciar sua marcha. "Yahweh exemplifica diariamente a lei da retidão; mas os pecadores nem por isso são impelidos ao arrependimento (vs. 5). Ele estabelece os julgamentos que tem executado por outras nações, mas a advertência não é atendida (vss. 6 e 7)" (Ellicott, *in loc.*).

Manhã após manhã. No oriente, os tribunais funcionavam pela manhã. A justiça era feita desde cedo, se o ideal estivesse sendo seguido. Nenhum caso ficava arrastando-se durante anos, esperando pela ação judicial, tal como acontece nos sistemas judiciais "modernos".

O Fracasso da Disciplina (3.6-8)

3.6

Exterminei as nações, as suas torres estão assoladas. Aqueles que são moralmente indisciplinados não têm paciência com as leis da disciplina. Eles usam a "liberdade" como pretexto para praticar toda a espécie de deboche. Tais homens estão destinados à desolação através do golpe da mão divina. Os vss. 6-7 ampliam a idéia do vs. 2. Judá recusava-se a receber a correção a despeito dos juízos divinos que podiam ser vistos ao redor, que também ameaçavam a nação. Essa foi a queixa de Amós 4.6-11. Outras nações também já haviam sido devastadas, mas Judá não deu atenção, supondo-se a salvo das ameaças. Outras nações foram deixadas "demolidas... desertas... desoladas" (NIV). Além disso, a nação do norte (as dez tribos de Israel) tinha sido aniquilada, e os poucos sobreviventes foram enviados à Assíria como escravos, em 722 A. C. A nação de Israel se perdeu para sempre, mas Judá ignorou a lição objetiva, como se fosse *imune* ao castigo divino. Cf. Isa. 36.18-20; 37.26. Ver também Sof. 1.9-13; 2.1-3.

3.7-8

Eu dizia: Certamente me temerás, e aceitarás a disciplina. *Lições objetivas e palavras divinas* caíam no chão, sem efeito algum. A nação de Judá estava tão repleta de pecados que não restava espaço para nada de bom. Nem mesmo as ameaças de aniquilamento (demonstradas pelo que acontecera a outros povos) exerceram efeito sobre os judeus. Esse povo perdera a visão e a audição. De fato, os judeus estavam destituídos de *mente* pela prática contínua de toda a espécie de transgressão. Eles eram zelosos, mas somente para praticar o mal; eram intensos, mas em favor da corrupção. Mostravam entusiasmo, mas somente para a prática de pecados múltiplos. Cf. isso com a lamentação de Jesus sobre Jerusalém (ver Mat. 23.37). Esse povo se tornara o próprio modelo da desobediência e da rebeldia. Cf. Isa. 5.11, e contrastar Jer. 11.7 e 25.3. Eles eram intensos; levantavam-se cedo pela manhã para promover feitos errados e planejar projetos ousados. "Eles se levantavam cedo a fim de praticarem o mal. Tudo quanto eles faziam era mau" (NCV) "Eles se mostravam diligentes para encontrar tempos e lugares para sua iniquidade. Isso descreve o estado depravado do ser humano" (Adam Clarke, *in loc.*). O resultado será que Yahweh organizará o Seu tribunal (vs. 8) e condenará todas as nações, derramando sobre elas a Sua ira, queimando-as a fogo. Cf. Isa. 42.25; Jer. 10.25; Joel 3.2; Zac. 14.2. Temos aqui uma nota escatológica referente à era do reino de Deus. Ver as notas sobre o vs. 10.

A Conversão das Nações (3.9-10)

3.9

Então darei lábios puros aos povos. A apostasia de Judá levou Yahweh a voltar-se para as nações, tal como a rejeição do Messias, pelos judeus, fez o Senhor voltar-se para os gentios (João 1.11,12). As nações precisavam converter-se, o que foi representado aqui pela mudança de sua fala, o instrumento mediante o qual amaldiçoamos ou louvamos. Os homens usarão *linguagem pura*, falando sobre Yahweh e Suas obras, sobre Sua santidade e Sua lei. Os homens haverão de adorar a Deus (ver Isa. 11.9 e Miq. 4.1,2). "Os lábios representam a natureza de um homem. As palavras saltam de sua vida interior (ver Isa. 6.5-7). As nações que antes tinham sido blasfemas, servindo a ídolos e a eles orando, seriam limpas e transformadas, e então, dotadas de *linguagem pura*, se voltariam para Yahweh. Elas O serviriam todas com o mesmo "consentimento" (Revised Standard Version), literalmente, *ombro a ombro*, conforme diz a tradução inglesa NIV. A Septuaginta diz aqui: "sob um único jugo", figura apropriada para este texto. Quanto ao *universalismo* dessa minúscula seção, cf. Isa. 40-66, especialmente 49.5,6. Ver também Isa. 2.2-4; Miq. 4.1-4; Salmos 67 e 87; 95-100.

3.10

Dalém dos rios da Etiópia, os meus adoradores... "De todas as partes do mundo, os povos adorando juntos, em uma só linguagem, trarão oferendas. Os 'rios da Etiópia' ficavam a pouca distância dos limites sul do mundo conhecido" (Charles L. Taylor, Jr., *in loc.*).

O julgamento universal (vs. 8) será eficaz, trazendo restauração universal (vs. 10), visto que os julgamentos de Deus são restauradores, e não meramente retributivos. Sua taça será derramada (vs. 8), mas outro tanto sucede à Sua grande misericórdia e amor. Alguns vinculam o vs. 8 com a Grande Tribulação que preparará o mundo para a era do reino (ver Zac. 14.2; Apo. 16.14,16). Quando o julgamento divino ferir todos os homens "lá fora", por igual modo a restauração atingirá as regiões mais distantes da terra. Cf. Isa. 66.18-20. Provavelmente a "filha da minha dispersão" é a nação de Israel, que será reunida de novo. Miq. 4.1,2 é, pois, paralelo ao versículo que nos dá a mesma atitude. Os vss. 8-10 elaboram a idéia da restauração, estando

Israel reunido. "Os vss. 8-10 apresentam a ampliação da consolação endereçada aos mansos da terra (Sof. 2.3), bem como à predição de Sof. 2.11. O grande dia do Senhor, que derrubará todos quantos se opuserem à Sua soberania, também introduzirá uma extensão de conhecimento espiritual entre as nações" (Ellicott, *in loc.*).

A Segurança do Remanescente (3.11-13)

3.11

Naquele dia não te envergonharás de nenhuma das tuas obras. Haverá *total reversão* da antiga idolatria-adulterio-apostasia de Israel, que lhes trouxera tanta vergonha e tribulação. Os atos ímpios que eles realizaram, que se originaram em seu espírito rebelde, chegarão ao fim, do que resultará um povo reto. Os líderes orgulhosos, arrogantes e desviados serão eliminados, e uma nova e boa liderança será provida. Os apóstatas arrogantes não mais exercerão controle sobre o Monte Santo. De fato, nem mesmo terão acesso a ele. Cf. Eze. 20.34-38; Mat. 25.1-13. "A *colina santa* de Deus (Jerusalém — Sal. 2.6; 3.4; 15.1; 24.3; Dan. 9.16,20; Joel 2.1; 3.17; Oba. 16) será habitada somente por um povo puro, os *mansos e os humildes* — Sof. 2.3" (John D. Hannah, *in loc.*). O remanescente aprenderá a santidade e não mais terá de envergonhar-se por causa de seus pecados. O espírito farisaico não continuará prevalecendo (ver Jer. 7.4; Miq. 3.11; Mat. 3.9). Ver o vs. 4: os falsos profetas e os sacerdotes desviados não continuarão sendo líderes. O deboche deles chegará ao fim.

3.12

Mas deixarei no meio de ti um povo modesto e humilde. As pessoas pobres e humildes (Revised Standard Version), os "mansos e humildes" (NCV) herdarão a terra. São eles que confiarão em Yahweh com uma fé salvática.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

(Mateus 5.5)

"Uma inteira confiança no Senhor não poderá haver exceto quando todas as causas de jactância tiverem sido tiradas (ver Isa. 14.32; Zac. 11.11)" (Fausset, *in loc.*). Eles tinham Abraão como pai; tinham o templo e o culto, mas eles haviam debochado dos antigos pactos e confiado nas coisas erradas. O coração deles estava longe do Deus dos pactos. Mas na restauração futura tudo isso será revertido. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Fé*.

3.13

Os restantes de Israel não cometerão iniquidade. No futuro, haverá *completa transformação moral* para o restante de Israel, durante a era do reino de Deus. Eles não cometerão iniquidades; não serão um povo enganador e falso, dizendo mentiras e sendo uma mentira, conforme foram seus antepassados. Antes, serão ovelhas obedientes do Grande Pastor e estarão seguros em seu rebanho, e não se desviarão pelas veredas do pecados, conforme fizeram seus ancestrais. "Assim como esta passagem é memorável pela repreensão contra os orgulhosos e pela promessa feita aos humildes, também relembra ao leitor que só Deus é capaz de prover segurança. Esta passagem encerra a promessa de um dia em que Jerusalém será expurgada dos indivíduos altivos, quando os humildes haverão de adorar em Sião, em paz. Só Deus é forte. Só Ele controla o mundo" (Charles L. Taylor, Jr., *in loc.*). Cf. as promessas do Salmo 23. "Israel, por tanto tempo contaminado, atribulado e assediado, finalmente estará em paz entre as nações, e não mais viverá acossado pelo temor" (cf. Sof. 3.15,16)" (John D. Hannah, *in loc.*).

Um Quadro da Época Áurea (3.14-20)

3.14

Canta, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te... ó filha de Jerusalém. A *filha de Sião* do futuro terá motivos para *cantar e clamar*; para estar *alegre e regozijar-se* e de todo o coração não recuar diante de nada, pois havia chegado o dia do triunfo. A filha de Sião também era a filha de Jerusalém, o povo restaurado com sede no antigo local onde o templo fora edificado.

Exulta e jubila, ó habitante de Sião, porque grande é o Santo de Israel no meio de ti.

(Isaías 12.6)

A nação de Judá, nos dias de Sofonias, ainda tinha de enfrentar desgraça e perdas, mas no futuro haverá total reversão que admirará todos os habitantes da terra. Temores cederão lugar a gritos de louvor e júbilo. "Temos aqui não somente

uma graciosa promessa profética de sua restauração do cativeiro, mas também de sua conversão a Deus por meio de Cristo" (Adam Clarke, *in loc.*).

O termo *filha*, para indicar coletivamente um povo, foi usado pela primeira vez para referir-se a uma pequena cidade, subordinada a uma cidade maior, usualmente dotada de muralhas e capaz de oferecer proteção para a cidade menor (ver Jui. 1.27). Mas esse termo gradualmente passou a significar qualquer cidade ou comunidade e, finalmente, veio a representar a própria nação de Israel, ou Jerusalém, capital de Judá. Ver Sal. 9.14; Isa. 1.8; 10.32; Jer. 4.31; Lam. 1.6,15; Miq. 1.13 e Zac. 2.10.

3.15

O Senhor afastou as sentenças que eram contra ti, lançou fora o teu inimigo. Yahweh tomou enérgicas providências em favor de Seu povo: Ele retirou Seus próprios julgamentos que tinham por finalidade disciplinar e restaurar, embora fossem severos e difíceis de suportar na ocasião; Ele expulsou os adversários de Israel que tinham sido usados como látegos e viviam a assediar o Seu povo; Ele se tomou o Rei deles em lugar dos fracassos humanos que governavam em benefício próprio, e, no fim, não ofereciam proteção; e dos israelitas removeu o temor.

Deus está no meio dela: jamais será abalada; Deus a ajudará desde antemanhã.

(Salmo 46.5)

Haverá gritos de alegria, porque o Messias estará com Judá e será o seu Rei protetor e abençoador, não conhecendo limite de recursos. (Cf. Isa. 9.7; Zac. 14.9.) Será obliterada a opressão, por fora e por dentro, e por isso não haverá razão para temor. Tendo aprendido a *temer o Senhor* (ver Sal. 119.38 e Pro. 1.7), o povo de Israel não precisará temer coisa alguma. Yahweh é Rei (ver Sal. 93.1; 96.10; 97.1 e 99.1). O reino pertence ao Senhor (Oba. 21). As razões para o temor foram removidas.

3.16

Naquele dia se dirá a Jerusalém: Não temas, ó Sião. Este versículo reforça a idéia do vs. 15 — "Não temas". Haverá um dia especial quando todo o temor será banido. Jerusalém e seu monte santo, Sião, receberão a recomendação de que devem parar de tremer. Não haverá mais razão alguma para que as mãos fiquem pendidas a cada lado do corpo. Quando o Senhor estiver próximo, não haverá mais motivo para abatimento por parte de Israel.

Mãos pendidas retratam o temor, a ansiedade e a debilidade perante uma força superior, em meio à angústia. Cf. Jer. 47.3. Agora, porém, Israel pode levantar triunfalmente as mãos, em força e confiança, por causa da presença do Rei. Cf. este versículo com Isa. 35.3,4 e 62.11 ss.

Por isso restabelecei as mãos descaída e os joelhos trôpegos.

(Hebreus 12.12)

3.17

O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para salvar-te. *Yahweh é Elohim*, o Poder, e esse Poder é um *Guerreiro*. Yahweh é o Rei-Guerreiro que oferece segurança a Seu povo. Na antiguidade, os reis eram escolhidos por sua habilidade em proteger um povo, e essa era a principal função dos monarcas. Por conseguinte, o guerreiro mais poderoso era o melhor candidato a rei. Mas nenhum guerreiro pode comparar-se a *Yahweh-Sabaote*, o Deus Eterno e General dos Exércitos. Esse Guerreiro está no meio do povo de Israel e remove toda a razão para a ansiedade, para o temor e para a sensação de insegurança. Pois o Senhor concede a *vitória*. Ele estará feliz com o Seu povo e será a fonte da alegria deles. Eles descansarão em Seu amor. Ele cantará e se rejubilará com Seu povo. E toda a comunidade de Israel será triunfante. Será a época *áurea* do mundo e da nação de Israel, a cabeça das nações, que finalmente chegou. *Deus renovará a Israel em Seu amor* (Revised Standard Version). O amor do Senhor pelos filhos de Israel O impulsionará a operar em favor deles, e eles serão receberão inúmeros benefícios que trarão alegria e bem-estar. O povo de Israel desde há muito fora o objeto da ira e do desprazer de Deus, por causa de seus pecados. Mas agora o *amor* escrevia o

último capítulo da história. Isso é uma grande doutrina: o amor escreverá o capítulo final de toda a humanidade, e não meramente da nação de Israel.

3.18

Os que estão entristecidos por se acharem afastados das festas solenes. O dia das festividades tinha chegado. Os desastres tinham sido afastados do povo de Deus. Os israelitas não mais teriam de suportar o opróbrio de ser uma nação julgada da qual outros povos zombavam e se riam. Os judeus que foram espalhados não mais podiam tomar parte das festividades anuais que eram tempos de alegria. De fato, as festividades religiosas haviam cessado por causa dos cativos e das dispersões. Tudo isso, porém, será revertido no alegre dia da restauração. As festividades voltarão, e o povo voltará a celebrá-las. Para o povo de Deus, essas festividades não parecerão pesadas, porque o coração deles terá sido endireitado diante de Deus. A reprimenda divina desaparecerá, pois o Senhor estará sorrindo para Seu povo. Cf. este versículo com o Salmo 137. O original hebraico do vs. 18 é obscuro e admite diversas interpretações. Ofereço uma possível interpretação. Mas a tradução inglesa, NIV, tem uma interpretação diferente: "As tristezas das festas determinadas removei de vós; elas são uma carga e uma reprimenda contra vós". A apostatada nação de Israel se sentia sobrecarregada por suas festas, festividades e rituais. Mas a renovada nação de Israel ficará dessa opressão e celebrará com alegria.

3.19

Eis que naquele tempo procederei contra todos os que te afligem. "Vss. 19 e 20: Os principais elementos da escatologia pós-exílica podem ser encontrados aqui: a destruição do inimigo (Oba. 15 e 16; Miq. 5.9; Zac. 12.9); o recolhimento dos exilados (Miq. 4.6,7; Zac. 10.8-10); e a volta dos israelitas à Terra Santa (Isa. 62.1-5; Zac. 8.7,8). Para tornar a nação de Israel famosa (literalmente, dar-lhe um *nome*) e *louvada* entre os povos da terra, o Senhor cumpriu a promessa feita aos patriarcas (ver Gên. 12.2,3)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 19).

Sof. 2.4-15 e 3.8-15 já haviam predito que os opressores estrangeiros de Israel certamente cairiam. Aquele que amaldiçoar Israel será amaldiçoado por Israel (ver Gên. 12.3). Por isso, louvor e honra são prestados a Israel (ver Deu. 26.19; Sof. 3.20). Ver também Eze. 34.29. "Assim como agora eram um provérbio e uma reprimenda, cheios de vileza básica e egoísmo degradante, no tempo futuro eles perderão esse caráter e serão completamente transformados. E ocuparão uma posição de proeminência entre as nações" (Adam Clarke, *in loc.*).

3.20

Naquele tempo eu vos farei voltar e vos recolherei. Este versículo é uma leve expansão do versículo anterior, afirmando as mesmas coisas, porém de maneira levemente diferente. Será Yahweh, conforme nos é dito aqui, quem executará a obra de reversão e restauração. Ao que havia sido dito, contudo, foram adicionadas as seguintes palavras: "quando eu vos mudar a sorte". Isso encontramos declarado em Sof. 2.7, onde ofereço notas expositivas. Todas essas maravilhas devem ocorrer ante os olhos admirados de Israel. "No milênio, Israel possuirá a sua terra, conforme Deus prometeu (ver Gên. 12.1-7; 13.14-17; 15.8-21 e 17.7,8) e o Messias, Rei de Israel, estabelecerá o Seu reino e reinará (ver II Sam. 7.16; Sal. 89.3,4; Isa. 9.6,7; Dan. 7.27; Sof. 3.15)" (John D. Hannah, *in loc.*). Cf. este versículo com Deu. 30.3 ss.

*Tão certo quanto a Tua verdade perdurará,
A Sião será dada, por certo,
As mais brilhantes glórias que a terra pode produzir.*

(Timothy Dwight)

*Oh, dia de descanso e de alegria,
Oh, dia de júbilo e de luz,
Oh, bálsamo para os cuidados e a tristeza.
Mais belo e mais brilhante.*

(C. Wordsworth)